NO CIPOAL DA SELVA: RELATOS DE SELVA TRÁGICA, DE HERNÂNI DONATO, E DE *A SELVA*, DE FERREIRA DE CASTRO[1]

IN THE JUNGLE LIANAS: NARRATIVES OF SELVA TRÁGICA, BY HERNÂNI DONATO, AND OF A SELVA, *BY FERREIRA DE CASTRO*

Josué Ferreira de Oliveira Júnior[2]

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos[3]

RESUMO: Este trabalho visa à leitura contrastiva das narrativas de *A selva* (1930), de Ferreira de Castro, e de *Selva trágica* (1956), de Hernâni Donato. Tomando como ponto de partida a obra do escritor luso-brasileiro, procuramos restabelecer a produção de sentidos que sua narrativa provoca, aguçando a perspectiva do leitor em confronto com a obra do escritor brasileiro, pois trata-se de relatos de vigorosa denúncia num contexto de extrativização da selva. Daí que, pelo viés comparatista, numa reflexão da tematologia, ambas as propostas estéticas se mostram como de grande produtividade tanto pelo seu projeto histórico-social, quanto pelos elementos de sentido que resultam em fecundas narrativas cuja relação texto *vs.* contexto revela a atualidade e a pertinência das obras analisadas.

Palavras-chave: Ferreira de Castro; *A selva;* Hernâni Donato; *Selva trágica;* Literatura Comparada.

ABSTRACT: This paper aims to the contrastive reading of the narratives of *A selva* (1930), by Ferreira de Castro, and of *Selva trágica* (1956), by Hernâni Donato. Taking as starting point the novel of Luso-Brazilian writer, we seek to establish the senses production that his narrative provokes, sharpening the reader perspective in comparison with the novel of Brazilian writer for they are vigorous narratives denunciation in an extractive context of the jungle. Hence that by comparative perspective in a reflection of thematology, both the aesthetic proposals have shown itself as of great productivity both for its historic-social project and for the sense elements that result in fruitful narratives whose relationship text vs. context reveals the topicality and the relevance of the narratives analyzed.

Keywords: Ferreira de Castro; *A selva*; Hernâni Donato; *Selva trágica*; Comparative Literature.

1 O artigo é resultado da dissertação de mestrado, intitulada *No cipoal da selva: relatos dos ervais e dos seringais em* **Selva trágica** e **A selva**, e procura demonstrar o fio condutor da pesquisa, da sua operacionalização, com vistas no aspecto temático da literatura luso-brasileira. (Cf.: OLIVEIRA Jr., 2015, 149 f.)

2 Doutorando em "Linguagem Literária e Interfaces Sociais: estudos comparados", pela UNIOESTE – Cascavel, PR. (Bolsista CAPES). Endereço eletrônico: josue_foj@hotmail.com

3 Professor Titular de Literatura Comparada na UFGD. (Bolsista produtividade em pesquisa 2 – CNPq). Endereço eletrônico: psergionolasco@gmail.com

INTRODUÇÃO

> Comparar, então, significa fazer do próprio fim um objeto de leituras, dramatizando-o e tornando-o capaz de, no limiar do impossível e da morte, gerar textos, combinações, relações que consideram a própria ausência de linhas estáveis, de receitas e de respostas totalmente visíveis e coerentes, como lugares de produção de sentido. (BITTENCOURT, 2010, p. 145)

É bem verdade, reconhecemos, que a epígrafe acima não só deve refletir os percalços e desafios de nossa trajetória neste trabalho, mas, também traduzir o avanço da reflexão comparatista, sobrepujando amplamente uma série de conceitos históricos, teóricos e críticos deste campo de estudo, como demonstram as reflexões mais recentes[4]. Este trabalho procura enfatizar o vigor e a leitura de obras representativas da literatura brasileira, mas não só dela, na medida em que nosso foco de análise volta-se para a recuperação de uma das narrativas mais destacadas dentre as da literatura portuguesa, como de fato é *A selva*, de Ferreira de Castro, que tivemos o privilégio de cotejá-la em última, recentíssima edição portuguesa, ano de 2014 —, apenas para relembrar que sua primeira edição é do ano de 1930. Simultaneamente, a outra obra que nos ocupou, *Selva trágica*, de Hernâni Donato, fora publicada em primeira edição no ano de 1956, vindo surpreender-nos, durante este trabalho, com a edição do ano de 2011.[5]

Não só as recentes reedições dessas obras, que interessam a esta análise, mas também a temática que as ocupa, colocando-as em lugar de destaque no que ainda se convenciona chamar de regionalismo crítico no quadro das literaturas regionais, tornando-as por si só palavras-chave da "selva", do "ciclo da erva mate", do "ciclo da borracha" e enfim de um tema fundamental maior: o Brasil do interior, o Brasil tantas vezes desconhecido, desprezado, objeto de mazelas mil, tantas quantas são as facetas da história e da colonização desse País. Com efeito, não foi a toa que o historiador da literatura sublinhou o germe e mola propulsora que justificam a natureza de ambas as prosas narrativas, ou poéticas, que nos prendem a atenção neste trabalho. Ou seja, não se deve esquecer o surgimento dessas narrativas, que, brotando na década de 1930, atendem a uma característica forte da novelística do século XX: o gosto pelo pitoresco regional somado à proposta neorrealista de estudar o homem em função do meio e de certa estrutura social e dos valores do próprio documentário etnográfico. Talvez, por isso, seja *A selva* um dos livros portugueses mais traduzidos no mundo.[6]

Para o encaminhamento desta análise, constitutiva do *corpus* de leitura, algumas considerações se fazem necessárias do ponto de vista da abordagem metodológica e / ou da orientação teórico-crítica que subsidia nossa reflexão: recentes debates em torno da Literatura Comparada[7], ao considerarem os aspectos polimórficos e plásticos

4 Cf.: SANTOS, 2013.

5 Neste trabalho, valemo-nos da edição de 1972 com relação à obra de Ferreira de Castro, e da edição de 2011 com relação à obra de Hernani Donato. Ressalta-se a reedição de Ferreira de Castro, no ano de 2014, como gentilmente noticiou o professor Gregório F. Dantas, que nos ofertou um volume trazido de Portugal.

6 Cf.: COELHO, 1982.

7 Cf.: SANTOS, 2013. Também: SCHIMIDT, 2005, pp. 113-129.

desta disciplina, põem em relevo uma prática de "fazeres indisciplinados" em estreita relação com a natureza performática que constituirá nas trajetórias e errâncias que, assim como a "borboleta" da citação abaixo, assume formas distintas ao longo dos tempos, como observa a ensaísta:

> No fim da lagarta, o começo da borboleta: sendo sua existência e cores tão fugazes e incapazes de atenuar o luto e a melancolia do tempo e da morte, esse singular e transformista animalzinho pode não bastar ao poeta. [...] Em sua radical fragilidade, o que a borboleta exibe, para além do tédio e da melancolia que a tornam visível, é a noção dos limites que a constituem e os sentidos do fim que se revelam/re-velam diante de sua tão curta e necessária vida. (BITTENCOURT, 2013, p. 287)

Desde esta citação, as pesquisadoras Bittencourt & Schimidt (2013), que assinam o provocativo título da obra,[8] enfatizam como, na atualidade, a Literatura Comparada é resultante de sua capacidade de reinventar criticamente seus modos de atuação através de um constante autoquestionamento, e, por ser também ela pouco dada à noção de limites, o que possibilitou ao longo dos anos a rearticulação de teorias que num primeiro momento abalaram os pressupostos da disciplina, mas resultando benéficas, no sentido de fazê-la superar as mais diversas fronteiras – geográficas, epistemológicas, linguísticas, culturais, de gêneros textuais, dentre outros(as) – bem como expandindo seu campo de atuação, interessando-se por projetos os mais variados. Ainda segundo Bittencourt, na obra aludida:

> A fertilidade dos projetos se deve a um princípio norteador que pressupõe a travessia das fronteiras linguísticas, estéticas, políticas e geoculturais no estudo da literatura e de suas relações textuais com as artes e com os outros discursos, sem prescindir de um amplo contexto referencial. (BITTENCOURT, 2013, p. 9)

Em vista disso, pode-se dizer que seria intrínseco à literatura comparada recusar ser uma disciplina fechada sobre si mesma, tornando-se, dessa maneira, mais um campo de atuação, marcado por certo grau de experimentalidade, do que uma disciplina propriamente dita, assumindo na contemporaneidade o caráter de um fazer indisciplinado. Também, analisando a questão do comparatismo hoje em dia, Paulo dos Santos contribui para a discussão, ao propor, em "Literatura Comparada ainda: facetas e eclipses disciplinários" (2013),[9] que a pertinência da literatura comparada está ligada hoje à sua capacidade plástica em assumir, de maneira vocacional, desde o início, um "espectro de transformações, mutações e reformulações", além de ser uma "[...] prática de pesquisa ancorada em um conceito sempre deslizante, '*work in progress*', resultante da quebra de paradigmas e simultâneo questionamento das relações sujeito *versus* objeto". (SANTOS, 2013, p. 190) Ainda, segundo o comparatista, a capacidade de reinvenção da literatura comparada como uma disciplina, sobressai-se "[...] tendo assistido ao vaticínio de sua própria morte, que parece ainda mais revigorada, hoje em dia, como a Fênix..." (Idem., p. 191), possibilitando, assim, e de forma enriquecedora, a abordagem de distintos projetos, sem ignorar aquilo que lhes são peculiares.

8 BITTENCOURT, 2013.

9 Cf.: SANTOS, 2012, pp. 101-132.

Acentua-se na fala desses pesquisadores, a vitalidade de um modo de pesquisa que assume diferentes linhas de atuação tendo em vista as especificidades dos múltiplos projetos sobre os quais se volta, além de se constituir como forma de pensamento liminar, como uma maneira de pensar e agir criticamente desde os espaços intersticiais, entrepostos aos diferentes objetos. Bem a propósito, Tania Carvalhal, discutindo "encontros" e "contatos" literários e culturais, também observa o caráter identitário dos fazeres comparatistas, como sendo:

> [...] definidores da atuação do estudioso que, de forma regular e sistemática, relaciona dados, articula elementos, explora intervalos, além de ultrapassar limites e margens. Por isso é possível dizer que a literatura comparada se interessa sobretudo por relações, pela literatura e pela cultura em suas relações, pela literatura e cultura como lugares de relação. (CARVALHAL, 2005, p. 169)

Com efeito, mais do que comparar, pura e simplesmente, o comparatista é aquele que estabelece relações, articula os sentidos subsumidos de uma complexa rede de significações advindas dos distintos objetos, para fundar outros, resultantes do contato/encontro/confronto tomados, também, como uma forma de leitura. Torna-se inteligível, desde então, as razões pelas quais as palavras "passagens" e "travessias" apontam, por um lado, para o caráter e a natureza de um conhecimento que se constrói na e durante a trajetória, as idas e vindas entre uma e outra narrativa de que nos valemos neste trabalho, quais sejam, *A selva,* de Ferreira de Castro e *Selva trágica,* de Hernâni Donato, por outro, marca, também, a passagem / travessia para uma outra perspectiva de análise no que diz respeito à abordagem de ambas as narrativas visando a confrontá-las a fim de pôr em relevo aquilo que lhes são peculiares. Em ambos os termos — passagem e travessia — está implícita a ideia de movimento e de espaço pelo qual se pode passar/atravessar. Travessia se revela aqui ainda mais significativo ao apontar para o atravessar de uma região, continente, mar, sobretudo porque o(s) objeto(s) sobre o(s) qual(is) nos voltamos está(ão) eivado(s) por estas questões, de modo que é de passagens e travessias que se trata aqui. Ressalta-se, também, a ausência de um lugar(es)/espaço(s) fixo(s); ao contrário, trata-se de espaços variados, inclusive construídos, passagens/travessias abertas, como "ponto de ligação" e "comunicação" entre dois ou mais objetos distintos. Assim, passagens e travessias pode ser também entendido como o lugar/espaço fronteiriço, lugar/espaço de negociações, de trocas variadas, de encontros, de intercâmbios, de contrabandos; lugar, enfim, da construção e da negociação de sentidos, portanto um lugar/espaço epistemológico, sobre o qual construímos esta leitura.

Sob essa perspectiva, o foco deste trabalho volta-se para uma análise mais pontual das narrativas estudadas, com vista ao confronto entre os projetos artístico-literários empreendidos pelos autores das referidas obras. Deve-se considerar o fato de que, se, por um lado, há um conjunto de traços e elementos que permitem a aproximação das obras desses escritores, pela semelhança das temáticas a elas subjacentes, por outro há também traços e elementos que resguardam, a cada uma delas, diferenças cruciais, tornando-as singulares, seja por se voltarem para regiões culturais distintas, e / ou pela distinta forma como figurativizam estes espaços, seja pelos diferentes arranjos literários executados por seus respectivos autores, e / ou por emergirem em diferentes contextos geo-históricos. Enfim, trata-se de diferenças que não inviabilizam a aproximação e o encontro das obras e tampouco a nossa proposta de aproximá-las

no contexto desta análise, ao contrário, põem em evidência a riqueza desses projetos estéticos particulares, além de maximizar os sentidos advindos dos trânsitos, das passagens e travessias, por entre as duas propostas estéticas, aqui postas lado a lado.

Convite para a leitura: fronteiras textuais e geográficas em *A Selva* de Ferreira de Castro

Da nossa perspectiva de análise, dois elementos paratextuais são representativos para a abordagem comparativa, tanto da narrativa d'*A selva* (1930), escrita por Ferreira de Castro, quanto de *Selva trágica,* de Hernâni Donato (1956). Em relação à primeira, de que nos ocupamos agora, o paratexto foi escrito para a 15.ª edição comemorativa do romance do escritor luso-brasileiro, e ocupa o lugar de pórtico e de epígrafe, página que chama a atenção do leitor não só por sua natureza de paratexto editorial, mas mais representativamente pela orientação de leitura e produção de sentidos que dela decorrem, uma vez que sintetiza emblematicamente o universo de discurso que deve se tornar a perspectiva de leitura, que procuramos abordar a partir daí. Leiamos o pórtico:

Figura 1: Pórtico escrito por Ferreira de Castro para a 15.ª edição comemorativa de *A selva.*
(CASTRO, 1972, p. 21)



P Ó R T I C O

FERREIRA DE CASTRO

EU devia este livro a essa majestade verde, soberba e enigmática, que é a selva amazônica, pelo muito que nela sofri durante os primeiros anos da minha adolescência e pela coragem que me deu para o resto da vida. E devia-o, sobretudo, aos anônimos desbravadores, que viriam a ser meus companheiros, meus irmãos, gente humilde que me antecedeu ou acompanhou na brenha, gente sem crônica definitiva, que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência. Devia-lhes este livro, que constitui um pequeno capítulo da obra que há de registrar a tremenda caminhada dos deserdados através dos séculos, em busca de pão e de justiça.

A luta de cearenses e maranhenses nas florestas da Amazônia é uma epopéia de que não ajuíza quem, no resto do Mundo, se deixa conduzir, veloz e comodamente, num automóvel com rodas de borracha — da borracha que esses homens, humildemente heróicos, tiram à selva misteriosa e implacável.

21

Como se vê, trata-se de um fragmento iluminador, capaz de, já num primeiro contato do leitor com o texto, lançar luz sobre o universo representado no interior do romance, de modo que é, sem dúvida, a melhor maneira de adentrar nas brenhas

desta selva, descrita pelo autor como "soberba e enigmática". Selva habitada por uma gente humilde e sem crônica definitiva, atores de um período conhecido como o "ciclo da borracha", que cicatrizou a selva como "o inferno verde" da literatura regional brasileira.

Quer-se explorar aqui, para a devida apresentação desta obra, os sentidos que apontam para a ideia de acesso, daquilo que se localiza à entrada, ou daquilo que se constitui como a própria entrada, como meio de acesso ao espaço interior de uma casa, de um edifício, de um templo e/ou da selva, "soberba e enigmática". Sentidos estes que podem ser observados em "porta principal; portal, portada"; e, "entrada, ingresso, acesso a algo difícil e grandioso". (Cf.: HOUAISS, 2007)

O pórtico de *A selva* aponta, dentre outros fatores, para os processos de produção desta obra, que se caracteriza pelo seu caráter de denúncia e de testemunho, fruto de uma intrincada relação entre literatura e história, ficção e realidade, verdade e mentira, que promovem, ao seu modo, a revisão entre a memória e a imaginação de um passado que fora silenciado, ou contado sob perspectivas outras.

Em "Pequena história de 'A selva'", escrito para uma das edições comemorativas do romance, Ferreira de Castro confessa o efeito catártico desta obra em sua vida pessoal:

> [...] durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivavam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras. Um medo frio, que ainda hoje sinto, quando amigos e até desconhecidos me incitam a escrever memórias, uma larga confissão, uma existência exposta ao sol, que eu próprio julgo seria útil às juventudes que se encontrassem em situações idênticas às que vivi. (CASTRO, 1972, p. 26)

Pode-se perceber, desse modo, que o caráter documental, e, como o próprio autor declarou, o caráter confessional e terapêutico[10] desta obra vai sendo aos poucos delineado. O escritor/romancista porta-se como alguém que encontra na escrita uma forma de enfrentar seus demônios e fantasmas, espectros de um passado indelével e traumático, que precisam ser expurgados, liberados a fim de que o presente possa ser vivido de maneira plena. Segundo Seligmann-Silva (2008, p. 69) "[...], o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa [...]". Memórias de um passado avivado como que pela repetição de cenas e imagens da experiência traumática, capazes de acompanhar o sujeito ao longo de toda a vida. Deve-se ressaltar, também, a dificuldade em se narrar o trauma, pois narrar é, de alguma forma, revivê-lo, implica o esforço de, mais uma vez, encará-lo, como afirma Ferreira de Castro: "Durante muitos anos tive medo de revivê-la literariamente. Medo de reabrir, com a pena, as minhas feridas, como os homens lá avivam, com pequenos machados, no mistério da grande floresta, as chagas das seringueiras [...]". (CASTRO, 1972, p. 26)

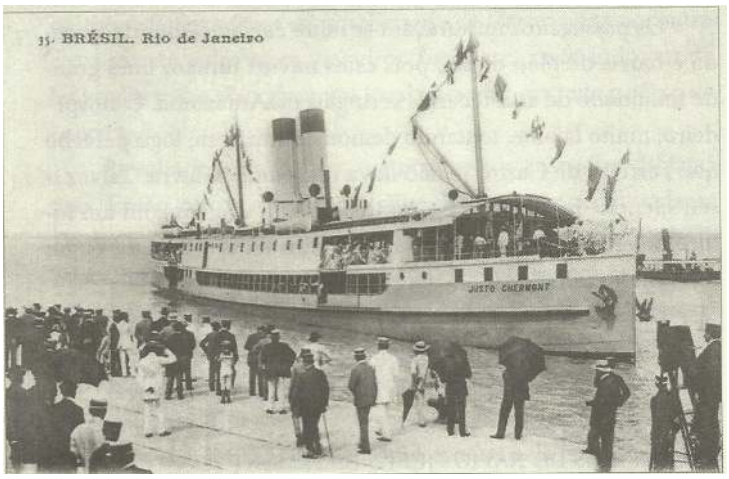
10 Deseja-se aqui, mais do que ler *A selva* como testemunho, confissão e/ou romance documental, pontuar o caráter terapêutico da narrativa literária na esteira de Graciela Ricci (2011), em trabalho intitulado: "Espejo y reflejo en los procesos de la narración literaria". Segundo Ricci, a literatura funcionaria como um *espejo/mirror,* que permite "[...] reflejar simétricamente las problemáticas de la mente. Incluso las imágenes especulares que se manifiestan en los sueños arquetípicos y en las sincronicidades de la vida humana, adquieren bajo forma literaria una intensidad particular". (RICCI, 2011, p. 77)

Nesse sentido, *A selva* (1972) pode ser lida como o relato/denúncia de um tempo obscuro, vivido por uma gente simples, sem crônica definitiva, e sem arroubos de protagonismo, enterrada no meio de uma selva, "que à extração da borracha entregava a sua fome, a sua liberdade e a sua existência", constituindo-se, desse modo, como o relato/denúncia de um trauma coletivo. Ressalta-–se, porém, o fato de que Ferreira de Castro, como ele mesmo afirma, ter revivido estes traumas literariamente. Trata-se, portanto, de um texto literário, de um projeto estético criado nas fronteiras, no entre-lugar, no *in between* da história e da ficção. Assim, não sendo historiador, e, no entanto, narrando uma história que sabemos ser a sua e a dos paraenses e maranhenses, ou, pelo menos, que carrega com ela uma forte semelhança, Ferreira de Castro se traveste no personagem protagonista, Alberto, de modo a promover um certo distanciamento, necessário para se produzir uma narrativa de testemunho, de denúncia social, mas, também, por outro lado, uma narrativa que se configura como uma forma de enfrentar os seus próprios pesadelos, advindos da experiência que tivera ao se embrenhar na selva amazônica, nos anos de 1911 a 1914. Tem-se, portanto uma narrativa que marca a decadência de um período que ficou conhecido como o "ciclo da borracha", extraída na floresta amazônica e chamada nos tempos áureos da extração de "o ouro negro".[11]

A selva (1972) é, então, um romance que narra a saga de um jovem português chamado Alberto, que, por conta de questões políticas, abandona Portugal e o curso de Direito, já no último ano, e vem para o Brasil, rumo a Belém do Pará. Abrigado na casa de Macedo, tio e proprietário da "Flor da Amazônia", começa, então, longa peregrinação em busca de uma colocação, um trabalho, onde pudesse se sustentar e naturalmente ajudar com as despesas de casa, mas nada encontra. A crise da borracha piorava, diminuindo a cada dia sua esperança de conseguir um emprego, qualquer que fosse. Assim, "Esgotada a generosidade do tio, forçoso lhe é aceitar a situação de seringueiro, única que se lhe oferece, na longínqua Amazônia" (COELHO, 1982, p. 1013). Seu primeiro desafio foi enfrentar uma interminável viagem a bordo do Justo Chermont, navio que o levou com um grupo de cearenses e maranhenses até o seringal Paraíso, às margens do Madeira.

11 Vale ressaltar que esse período ficou cicatrizado na historiografia como o "Inferno verde" do regionalismo brasileiro. Segundo a crítica e historiadora ítalo-brasileira Stegagno-Picchio: "A Amazônia, que Ungaretti, em brincadeira arcádica, com seringueiras que se reúnem em bosquezinhos, é, para a mitologia literária brasileira, a 'selva' cantada pelo português Ferreira de Castro (1930), o inferno verde, paraíso de aventureiros e charlatões, onde o homem, taciturno, fatalista, é só, na expressão tomada ao Euclides de *À Margem da história,* um 'ser destinado ao terror e à humilhação diante da Natureza'". (STEGAGNO-PICCHIO, 2004, p. 402)

Fig. 2: O navio "Justo Chermont", no qual Ferreira de Castro viajou de Belém para Manaus e para o seringal Paraíso. (BAZE, 2010, p. 67)



Levando em consideração a trajetória da personagem protagonista, Alberto, ao longo da narrativa, sobre a qual nos é dada a perspectiva do olhar, pode-se dividir *A selva* em três partes, a saber: a) sua saída de Belém, no "Justo Chermont", rumo à selva amazônica, narrada exaustiva e monotonamente, como que reproduzindo a monotonia da viagem, a sensação de estar sempre no mesmo lugar pela hiperrepetição de uma paisagem que parece sempre a mesma, a coletividade do emaranhado vegetal; b) a chegada de Alberto ao Seringal Paraíso, marcando o início de sua caminhada às brenhas da selva para, enfim, chegar a Todos-os-Santos, onde aprenderia, com Firmino, a cortar a seringueira para dela extrair a sua seiva: "Até esse instante, Alberto vira apenas as suas linhas marginais; surgia agora o coração". (CASTRO, 1972, p. 103) É sobre o coração da selva que se refere o narrador. Este momento marca, também, o início de um nascente sentimento de solidariedade entre Alberto e os demais seringueiros, fruto da resignada aceitação de sua realidade enquanto tal, ou por saber não haver outra escolha, outra saída diante da realidade a que estavam submetidos; c) a saída de Alberto, de Todos-os-Santos, para o armazém na sede do seringal. É a partir de então que Alberto, a par da contabilidade do armazém, se dá ainda mais conta do quanto os seringueiros eram explorados, pagando duas vezes mais pelos produtos que compravam no armazém, aos domingos. Prática esta que prendia ali, anos a fio, muitos dentre aqueles que vieram movidos pela promessa de que fariam dinheiro fácil e logo voltariam para o sertão, o Ceará e/ou o Maranhão, para o seio de suas famílias, para os braços da amada que ficara com a promessa de que em pouco tempo voltaria com dinheiro suficiente para marcar o casamento.

Esta terceira parte finda, caracterizando o desfecho da narrativa, com a sede do seringal ardendo em chamas e com a alucinada tentativa, dos que ali estavam, de apagar o fogo que a tudo devorava, causando a morte de Juca Tristão. A narrativa chega ao fim com a seguinte afirmação: "[...] Quando chegasse amanhã, derramando da sua inesgotável cornucópia a luz dos trópicos, haveria ali apenas um montão de cinzas, que o vento, em breve, dispersaria..." (CASTRO, op. cit., p. 307). Em *A selva,* estas cinzas se transformaram em memórias que apontam para um passado de muitas histórias, desejos, perseguições, um passado de luta pela sobrevivência em meio à selva, sinônimo de vida e de morte, mas um passado marcado, também, por histórias não vividas,

sonhos frustrados, enterrados nas brenhas da selva amazônica, diluindo aos poucos na seiva vegetal que só se desvalorizava, a esperança daqueles pobres homens, tornando ainda mais dura a sua jornada diária. É nesse sentido que *A selva* se constitui, segundo Ferreira de Castro, como o: "[...] drama dos homens perante a injustiça de outros homens e as violências da natureza [...]" (1972, p. 32). Percebem-se latentes em *A selva* (1972) dois focos narrativos, que dão conta, por um lado, da representação da selva em sua grandeza, capaz de despersonalizar e absorver o homem, e, por outro, da denúncia social contra a exploração e os maus tratos sofridos pelos seringueiros. Sentidos estes que remontam ao pórtico, epígrafe com a qual iniciamos esta abordagem.

Salienta-se, desse ângulo, o forte caráter autobiográfico *d'A selva* (1972) como elemento que, juntamente com a descrição, contribui para a construção de uma narrativa com elevado teor de realidade, constituindo-se, assim, numa espécie de romance vivido, uma vez que a história de Alberto se confunde com a história de Ferreira de Castro. O que, segundo a constatação de Rildo Cosson, em "*A selva* e o regionalismo amazônico" (1994), tais recursos seriam responsáveis por garantir o lastro de veracidade de *A selva* como metáfora de um romance vivido:

> O primeiro deles é a descrição pormenorizada do ambiente humano e natural. [...] O outro recurso narrativo é a abundância de informações históricas. [...] Todo esse sistema descritivo-informativo encontra-se na narrativa através de três vias principais, a voz direta do narrador, a vivência do protagonista e as informações provenientes dos próprios seringueiros, que entrelaçam e garantem ao texto um forte efeito de veracidade. (COSSON, 1994, p. 360)

Também Vargas Llosa, em fecunda análise acerca da natureza de narrativas como a de Ferreira de Castro, reitera de forma aprofundada os sentidos das palavras de Cosson, ao afirmar que:

> A história e a literatura – a verdade e a mentira, a realidade e a ficção – se misturam nesses textos de maneira quase sempre inextrincável. [...] Isso significa que seu testemunho deva ser recusado do ponto de vista histórico e reconhecido apenas como literatura? De jeito algum. Seus exageros e fantasias são certamente mais reveladores da realidade da época do que suas verdades. (LLOSA, 2006, p. 295)

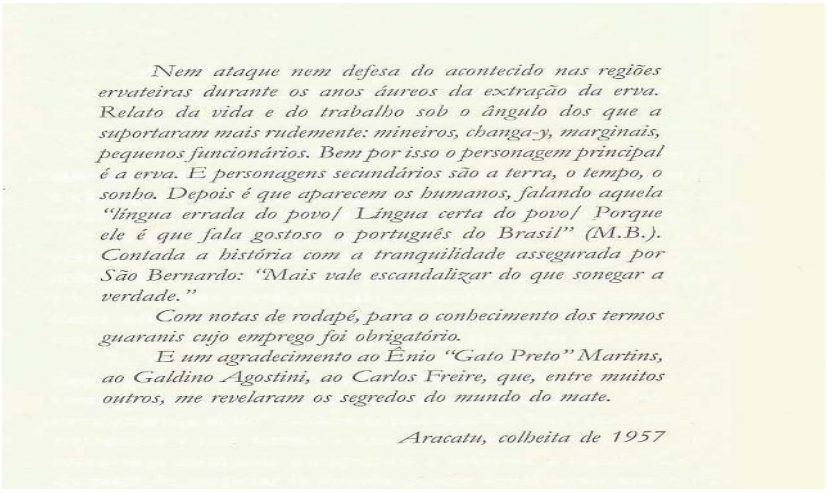
Com efeito, é sob essa perspectiva de leitura que, tanto *A selva* (1930) quanto *Selva trágica* (1956), que procuramos aproximar neste trabalho, voltam-se para a representação ficcional de dois períodos históricos bem definidos, a saber, o Ciclo da Borracha e o Ciclo da Erva Mate, na Amazônia e no Mato Grosso do Sul, respectivamente. Trata-se de propostas literárias ousadas que, através de uma estética realista, passam ao leitor a ilusão de que o que se está lendo é de fato real, verídico, verdadeiro, seja pela aproximação com o "autobiográfico" em *A selva,* seja pela própria pesquisa histórica em *Selva trágica,* conferindo ao ficcional a coerência do real, uma vez que, já se sabe, a realidade nada mais é que uma construção, feita a partir da representação do que seja o real.

Um convite provocativo: estratégia textual e leitura na narrativa de *Selva Trágica,* de Hernâni Donato

Assim como se observou em *A selva* (1972), procuramos, também, chamar a atenção para o aspecto emblemático do pórtico à folha de abertura de *Selva trágica* (1956). Como já se observou anteriormente, quando da apresentação de *A selva,* o pórtico se

constitui como meio pelo qual o leitor pode estabelecer os primeiros contatos com o universo da narrativa romanesca; ou seja, a saga da selva se deixa condensar, por meio do pórtico, em sua natureza e ambiente, com personagens, enfim, com o mundo que se projeta ao percorrer as trilhas ou o entrecho da narração. Leiamos agora o pórtico de *Selva trágica:*

Figura 3: Pórtico à entrada da obra *Selva trágica*. (DONATO, 1956, p. 14)[12]



Nem ataque nem defesa do acontecido nas regiões ervateiras durante os anos áureos da extração da erva. Relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que a suportaram mais rudemente: mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários. Bem por isso o personagem principal é a erva. E personagens secundários são a terra, o tempo, o sonho. Depois é que aparecem os humanos, falando aquela "língua errada do povo/ Língua certa do povo/ Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil" (M.B.). Contada a história com a tranquilidade assegurada por São Bernardo: "Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade."

Com notas de rodapé, para o conhecimento dos termos guaranis cujo emprego foi obrigatório.

E um agradecimento ao Ênio "Gato Preto" Martins, ao Galdino Agostini, ao Carlos Freire, que, entre muitos outros, me revelaram os segredos do mundo do mate.

Aracatu, colheita de 1957

Desse ângulo de análise, pode-se dizer que *Selva trágica* se constitui como um espaço/universo no qual o leitor, antes de iniciar sua leitura, lança o olhar através das frinchas do pórtico e das epígrafes, constitutivos do frontispício da obra, antecedendo a narrativa da selva propriamente dita, revelando centelhas do universo de discurso que o espera mais adiante. Ao retomarmos a natureza do pórtico, em *Selva trágica,* nele pode-se ouvir a voz do autor, simultaneamente à denúncia da natureza que permeia a obra recém-aberta, alertando que sua narrativa não é: "Nem ataque nem defesa do acontecido nas regiões ervateiras durante os anos áureos da extração da erva". Trata-se, isto sim, do "Relato da vida e do trabalho sob o ângulo dos que a suportaram [regiões ervateiras] mais rudemente: *mineiros, changa-y, marginanis, pequenos funcionários".* (DONATO, 2011, p. 14) Esse fragmento se torna, a partir de então, elemento decisivo para uma leitura eficaz do corpo da narrativa cuja selva vai se revelando trágica. Também dele decorrem os processos de produção da obra, sua natureza e o contexto em que ela se insere enquanto projeto estético e histórico-social do relato da própria obra.

Verificam-se, a partir de então, três planos organizadores do universo que, passo a passo, vai sendo ressignificado, e emergindo, como uma espécie de aviso, ao leitor como se o alertasse tratar--se de uma obra onde a erva se erige ao *status* de personagem principal, protagonista, enquanto a terra, o tempo e os sonhos assumem um papel secundário, de modo que, só "[...] Depois é que aparecem os humanos, falando aquela 'língua errada do povo / Língua certa do povo / Porque ele é que fala gostoso o

12 Tomado como pórtico, este texto também poderia ser lido como epígrafe, pois que, tanto as descrições nele contidas, como veremos, quanto o "lugar" que ele ocupa à entrada da narrativa, tornam produtivas as leituras acerca deste "lugar", ampliando assim o escopo da análise deste texto.

português do Brasil'" (DONATO, op. cit., p. 14). Dessa forma, Donato inscreve sua obra numa tradição de obras regionais, que tomam o espaço local, sua gente, seu jeito próprio de falar numa língua e numa sintaxe que lhes é, igualmente, própria, e, por que não dizer, única, bem como as temáticas a eles subjacentes, ao citar, dentre outros, no aludido pórtico, versos do poema "Evocação do Recife", de Manuel Bandeira e um trecho de *São Bernardo* (1934), do alagoano Graciliano Ramos. É sobretudo significativo o fato de o autor terminar o pórtico com um trecho de *São Bernardo*: "Mais vale escandalizar do que sonegar a verdade" (DONATO, op. cit., p. 14). Tal excerto aponta para um projeto estético que se quer como denúncia/testemunho de "verdades" ditas somente de forma implícita, ou ditas em parte por uma História que se constituiu como porta-voz do progresso acorrido no extremo Sul do Estado de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, em um período que ficou conhecido como o Ciclo da Erva Mate. Assim, *Selva trágica* se constitui como projeto estético desvelador de um mundo e de um universo outro, vivido por homens e mulheres de identidades perdidas e enterradas no viscoso solo desta selva trágica, pagando com suas vidas o verdadeiro preço do progresso que beneficiou uns poucos em detrimento de uma maioria que dele só ouviu falar, ou que apenas sentiu seu peso sobre os ombros já há muito calejados pelos pesados "raídos",[13] que carregavam, às costas, os ervateiros da C.ia Matte Laranjeira.

Figura 4: Mineiros carregando o pesado "raído" às costas. (registro de câmera digital, realizado pelo professor Paulo Nolasco durante exposição "C.ia Matte Laranjeira – fragmentos da história de MS", no salão da Prefeitura Municipal de Ponta Porã, em 2012, com o objetivo principal de recuperar parte do momento histórico da instalação da Companhia)



13 "[...] um trançado de correias compondo o fardo que o homem levará às costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaias. O máximo é o limite de forças do mineiro. Uma vez debaixo dele, o homem tem que levá-lo a destino ou cair ao chão – geralmente com a espinha partida. Muitos morreram assim, en-sinando que o cuidado com o raído é coisa impor-tante". [sic]. (DONATO, 2011, p. 32)

Assim é que se pode ler como epígrafes, último portal a sinalizar o solo selvático do romance, tanto o fragmento retirado de *O Drama do Mate*, de Antônio Bacilla[14], quanto o da "Carta de Hernanderias ao rei da Espanha", bem como os dois depoimentos que refletem a realidade dos trabalhadores dos ervais, o primeiro depoimento é referido como sendo do mineiro "aconchavado" Antonio Cardoso, e o segundo de Rafael Barret, importante nome das letras paraguaias. Esta epígrafe revela, também, a íntima relação da obra com a história socioeconômica da região de fronteira Brasil-Paraguai, todos eles recuperados por Hernâni Donato:

> […] éramos simples bugres, pelados, no meio dos ervais, que têm de pedir facão, sal, fósforo, algumas roupas, farinha e charque, para poder trepar na erveira, podá-la e fazer erva. ("O Drama do Mate").
>
> […] despojados de sus tierras, pobladas de una rara yerba, de la que obtenía una bebida sustanciosa muy solicitada ya por los españoles conquistadores, obligando a los indígenas a transportarla a costillas muchas léguas, de tierra adentro, por caminos intransitables, tratados con la mayor tiranía… (Cartas de Hernanderias ao rei da Espanha.)
>
> […] estaba buscando escaparme porque nos hacían vagar desde que aclaraba hasta l'anochecer entre malezales y caraguatas buscando yerba silvestre sin dejarnos volver al acampamiento si no traímos varias arrobas bien quebradas y sapecadas y nos tenían a cintarazo limpio; entonces con otros dos mitãs nos escapamos y salimos a media noche después de preparar a linyera donde llevábamos una torta de carne frita y chipa; y había que atrevesar el desierto Ressurrección que no conocíamos y por ahí nos perdimos n'el monte y teníamos un bruto miedo; y ya'tábamos desiando que nos alcanzara la Comisión y así sucedío porque de pronto nos alcazaron y nos apuntarom con laj'arma diciendo 'Entreguensen' y nos entregamos y no nos mataron de causalidá porque dijeron "hoy no es dia de morir" y nos llevaron de vuelta a l'administración y el administrador Segismundo Gallardo tenía el cinto lleno e'ballas y un tremendo cuchillo metido en la bota y…" (Depoimento do mineiro aconchavado Antônio Cardoso, fugitivo de ervais.)
>
> […] Los depertamentos de yerbales Igatimi, san Estanislao, se han convertido en cementerios. Treinta años de exploración han exterminado la virilidad paraguaya entre el Tebicuari Sud y el Paraná. Tacurupucú ha sido despoblado ocho veces por la Industrial. Casi todos los peones que han trabajado en el Alto Paraná de 1890 a 1900 han muerto. De 330 hombres sacados de Villarica en 1900 para los yerbales de Tormenta en el Brasil, no volvieran más que 20. (Depoimento de Rafael Barret.)"[15] [sic.]. (apud DONATO, 2011, pp. 15-16)

Trata-se, como vimos, do último grande portal à selva, fragmentos e relatos reveladores de um projeto que se formou no entre-lugar, no espaço limiar entre história e ficção, um projeto que mescla a pesquisa histórica, a busca de documentos e de relatos com a invenção/imaginação criativa e ficcional de um Hernâni Donato historiador-romancista. Segundo Marin (2013), em "Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável":

14 Refere-se aqui às epígrafes constantes da folha de rosto de *Selva trágica*. (Cf.: DONATO, 2011, pp. 15-16).

15 Rafael Barrett é um dos mais importantes nomes das letras paraguaias nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Miguel Ángel Fernández, a obra de Rafael Barrett: "[...] se encuentra en la raiz de algunos de los mayores escritores hispano-americanos – y paraguayos desde luego – [...]." (FERNÁNDEZ, 2011, p. 48)

> As narrativas de Donato caracterizam-se também por mesclar elementos factuais e fictícios e temas regionais e universais. Entre suas características pessoais, sobressaem-se as de pesquisador, ficcionista, sociólogo e historiador, e esses ofícios têm limites tênues em sua trajetória intelectual. [...] Nos romances históricos *Chão Bruto* e *Selva Trágica,* Donato aproxima a escrita literária da histórica, ao escrever inspirado em fatos reais e dramatizar em cima deles. (MARIN, 2013, p. 137)

Tais características circunscrevem *Selva trágica*, bem como *A selva,* de Ferreira de Castro, em um conjunto de obras que constituem, por assim dizer, a tradição discursiva latino-americana, marcada, justamente, pela estreita relação, ou melhor, pelos entrecruzamentos da literatura e da história, denominado pela crítica latino-americana como *La Nueva Ficción Historica*,[16] como já bem observou Vargas Llosa e aqui avalizada pela crítica de Fernando Aínsa:

> En América Latina esta relación es evidente. La ficción ha sido el complemento necesario de la historia de las Crónicas y Relaciones del período de la conquista y colonización, cuya "vocación literaria" se reconoce no sólo a nivel de la lectura lingüística contemporánea, sino de la intención literaria de sus autores. La relación es también evidente en el entrecruzamiento de los géneros a partir de la ficcionalización y "reescritura" de la historia que recorre buena parte de la narrativa actual. (AÍNSA, 1994, p. 26)

É nessa tradição discursiva que *Selva trágica* se inscreve, ao ficcionalizar um importante período histórico do regionalismo sul-mato-grossense, que ficou conhecido como o Ciclo da Erva Mate, dando-lhe uma visão outra, diferente da que ficara cicatrizada por um discurso histórico que cantou o progresso, resultante dos ambiciosos projetos do visionário gaúcho Thomaz Laranjeira e sua empresa Cia. Matte Laranjeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tudo e por tudo, releva destacar o papel de servilismo e agônico que brotam seja das páginas d'*A Selva,* enquanto proposta de nomear, conhecer, explorar dominando aquele espaço, seja de todo empreendedorismo humano e civilizatório na tentativa de tornar "produtivo" esse mesmo espaço, que se mostrou, ao fim e ao cabo, inexplorável, indômito e sequioso na sua exuberância em devorar todos os projetos naquela região que mostrou, por tudo isso, e ao final, o seu poder de resistência. Talvez isto, acima de tudo: *A Selva* é a narrativa resultante em resistência, única forma de o relato artístico responder à voracidade do colonialismo, bem como a todo e qualquer forma de poder, como se repetindo o refrão do escritor: "A função do escritor é enfrentar o poder".[17] Disso decorrem os demais relatos históricos que tratam de replicar o "poder" da selva amazônica que continua a responder através das narrativas e das versões, às vezes

16 Sobre "La Nueva Ficción Histórica" e a "tradição discursiva na América Latina", cf.: Fernando Aínsa (1994); Saúl Sosnowski (1995); Seymour Menton (1993); Hugo Achugar (2006); Cecília Zokner (1991); Tania Franco Carvalhal (1996); Eduardo F. Coutinho (2013); Marilene Weinhardt (2004).

17 Sobre esta função da literatura, o aforismo foi evocado por Don DeLillo em sua recente passagem pelo Brasil. Cf.: **Época.** Edição Especial FLIP. 28 jul. 2014.

desencontradas, dos fatos, que não só a força bruta da natureza, ou a força da criação artística, somados, testemunham que "a selva venceu o capital".[18]

Trata-se, no nosso entender, de reconhecer o texto literário sem ignorar o contexto sociocultural que forma o lastro de referências capaz de gerar a identificação dessas obras com suas regiões específicas, acrescendo às suas leituras uma significação que ultrapassa os limites do estético, tornando possível através de motivos que acionam a memória e o reconhecimento dos leitores em direção a uma história que lhes pertence, uma reflexão sobre as realidades que os constitui enquanto sujeito.

É dessa perspectiva maior, que, o retorno ao passado dos ervais, em *Selva trágica*, de Hernâni Donato, resgata a construção desse tempo e desse espaço selvático, o do ciclo da erva mate, agora vivido por personagens de ficção, construídos com base na pesquisa de um Donato historiador-romancista, reveladores, por um lado, da estreita relação entre literatura e história, e, por outro, de uma realidade ignorada pelo discurso histórico oficial, que se prendeu aos eventos históricos, ofuscando, assim, a complexidade sociológica, cultural e linguística da gente que povoava os ervais. Uma população formada basicamente por imigrantes brasileiros e paraguaios. *Selva trágica* não só põe em tela essa gente (mineiros, changa-y, marginais, pequenos funcionários), mas traduz o complexo tecido sociocultural desse período, ao dar voz a esses sujeitos numa trama bem urdida, capaz de mostrar, simultaneamente, histórias paralelas que se cruzam e que compartilham a mesma dor e o mesmo sofrimento —, além de reconstruir o linguajar híbrido, resultante do intenso confronto entre o português e o guarani, falado pelos trabalhadores paraguaios. Daí, a necessidade da inclusão, justificada, no corpo da narrativa, das inúmeras notas de rodapé, que informam o significado dos termos guaranis.

De resto, é digno de nota que este trabalho remeteu para um formidável acervo que circunscreve o entorno desses dois escritores e suas obras: do autor d'*A selva*, deparamos com textos e leituras luminosos, como foi o caso da obra *Ferreira de Castro*: um imigrante português na Amazônia (2010), do escritor Abrahim Baze, outro amazonense, que escreveu em homenagem à obra de Castro, enriquecendo e ampliando o contexto da obra castriana. O mesmo *élan* mobilizou- nos, quando o gentilíssimo convite da escritora Raquel Naveira resultou em agenda para pesquisar representativo acervo do escritor Hernâni Donato, na biblioteca da Academia Paulista de Letras, na cidade de São Paulo, estendendo esta visita de estudo até o espaço do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, nas quais Donato foi membro e presidente, respectivamente. Esta visita de estudos representou, talvez pelo significado maior do convite formulado pela escritora, um dos momentos altos da nossa compreensão da figura de Hernâni Donato e sua obra, ícones da literatura sul-mato-grossense. Ainda mais porque grande parte do material ali coletado continuará sendo objeto de nossas reflexões, decerto fornecendo subsídios necessários a uma ampliação de leitura em nível de aprofundamento.

18 É significativo que recente número da **Revista de História da Biblioteca Nacional** tenha reservado matéria intitulada "E a selva venceu o capital", abordando o fracasso do empreendedorista Henry Ford, tentando criar, à idade de quarenta anos, a sua Fordlândia, a cidade da borracha que fracassou na imensidão amazônica. (Cf.: DUARTE Jr., 2014, pp. 56-59)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca:** escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Tradução: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

AÍNSA, Fernando. **Nueva novela histórica y relativización del saber histórico. América Cahiers du Critcal. Histoire et imaginaire dans le roman hispano-américain contemporain**. Paris: Universite de la Sorbonne Nouvelle, 1994. (Série Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2 ème, 4, n. 14)

BAZE, Abrahim. **Ferreira de Castro** – Um imigrante português na Amazônia. 2. ed. rev. e amp. Manaus: Valer, 2010.

BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. Poéticas da/na estrada: de ouriços e pirilampos. In: ____.; SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Orgs.). **Fazeres indisciplinados:** estudos de literatura comparada. Porto Alegre: UFRGS, 2013. pp. 287-295.

____.; SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Orgs.). **Fazeres indisciplinados:** estudos de literatura comparada. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

____. O comparatismo à beira do fim: tensões do híbrido poético. In: SCHIMIDT, Rita Terezinha. (Org.). **Sob o signo do presente:** intervenções comparatistas. Porto Alegre: UFRGS, 2010, pp. 137-148.

CARVALHAL, Tania franco. Encontros na travessia. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, n. 7, pp. 169-182, 2005.

____. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda N. da Silva (Org.). **Literatura Comparada:** teoria e prática. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzatto, 1996, pp. 198-218.

CASTRO, José Maria Ferreira de. **A selva.** São Paulo: Verbo, 1972.

____. **A selva.** Lisboa: Cavalo de Ferro, 2014.

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de literatura.** 3. ed. Porto: Companhia Editora do Minho – Barcelos, 1982. (v. 4)

COSSON, Rildo. A selva e o regionalismo amazônico. In: CONGRESSO INTERNAZIONALE: IL PORTOGALLO E I MARI: um incontro tra culture. **Anais...** Napoli, Istituto Universitario Orientale: Napoli: Liguori Editore, dicembre 1994, pp. 359-369.

COUTINHO, Eduardo F. **Literatura comparada:** reflexões. São Paulo: Annablume, 2013.

DONATO, Hernâni. **Selva trágica.** Taubaté (SP): Letra Selvagem, 2011.

DUARTE Jr., Antonio Marcos. E a selva venceu o capital. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 10, nº 108, pp. 56-59, set. 2014.

FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. Rafael Barrett: escritor y pensador revolucionario. Asunción – Paraguay: El Lector, 2011.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da Língua Portuguesa.** 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 1 CD-ROM.

MARIN, Jérri Roberto. Hernâni Donato: um autor multifacetado e inclassificável. In: PINHEIRO, Alexandra Santos; BUNGART NETO, Paulo (Orgs.). **Ervais, pantanais e guavirais:** cultura e literatura em Mato Grosso do Sul. Dourados: UFGD, 2013. pp. 121-143.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina, 1979-1992.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

OLIVEIRA Jr., Josué Ferreira de. **No cipoal a selva:** relatos dos ervais e dos seringais em *Selva trágica e A selva*. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Comunicação, Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2014.

RICCI, Graciela. Espejo y reflejo en los procesos de transformación: el poder terapéutico de la narración literaria. In: CROLLA, Adriana. (Comp.). **Lindes actuales de la literatura comparada.** Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, 2011, pp. 74-89.

SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. Literatura Comparada ainda: facetas e eclipses disciplinários. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, INFORMAR CIDADE, n. 23, 2013. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/revista/2013/23/153/download>. Acesso em: 1. fev. 2016.

____. **Entretextos:** crítica comparada em literaturas de fronteiras. Campo Grande, (MS): Life, 2012.

SCHIMIDT, Rita Terezinha. Alteridade planetária: a reinvenção da literatura comparada. **Revista Brasileira De Literatura Comparada**, n. 7. Porto Alegre: ABRALIC, 2005. pp. 113-129.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: 34, 2005.

____. Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, 2008. pp. 65-82.

SOSNOWSKI, Saul. La "nueva" novela hispanoamericana: ruptura y "nueva" tradición. In: PIZARRO, Ana. (Org.). **América Latina:** palavra, literatura e cultura. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1995, (v. 3: Vanguarda e Modernidade, pp. 393-412.).

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. **História da literatura brasileira.** 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

VARGAS LLOSA, Mario. **Dicionário amoroso da América Latina.** Tradução: Wladimir Dupont e Hortência Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WEINHARDT, Marilene. **Ficção histórica e regionalismo:** estudos sobre romances do Sul. Curitiba, PR: UFPR, 2004.

ZOKNER, Cecilia. **Mensu:** história e ficção. In: ____. Para uma crítica latino-americana. Curitiba: UFPR, 1991. pp. 101-111.